

Reflexões sobre a Avaliação e a Educação a Distância

Fernanda Lanza de Souza
Mestranda em Estudos Linguísticos
Universidade Federal de Minas Gerais
lanzafernanda@yahoo.com

O presente artigo visa discutir a avaliação na modalidade Educação a Distância (EAD). Para tanto, compara as modalidades presencial e virtual, apresentando definições de Educação a Distância de vários autores. Comenta sobre características e requisitos de cada uma, além de propor a reflexão sobre os diferentes papéis de professores e alunos nessa nova modalidade de ensino e aprendizagem. A seguir, aborda a avaliação nos dias de hoje e destaca a importância da construção do conhecimento no processo de avaliação da aprendizagem. Também comenta sobre a avaliação no ensino de línguas mediado pelo computador, visto o crescente uso da tecnologia nessa área. Por fim, após trazer à luz considerações de vários pesquisadores, conclui com base nos estudos de Cerny e Ern (2001) que a avaliação é um elemento fundamental no processo educativo e que resgatar a avaliação como uma possibilidade de troca, de diálogo na EAD constitui-se um caminho a ser desenvolvido e aprimorado.

Educação a Distância, Avaliação, Construção do conhecimento.

1. Introdução

A educação, tema tão importante e tão discutido nos meios acadêmico, político, jornalístico, ganhou, já há algum tempo, uma nova “roupagem”, ou seja, modalidade. Além de se falar sobre educação infantil, básica, continuada, entre outras, a Educação a Distância (EAD) é um tópico recorrente nos dias de hoje.

Outro tópico muito associado ao tema Educação é a Avaliação. Diante dessa nova modalidade de estudo, isto é, a EAD, antes de se avaliar o conteúdo, o programa, os participantes, é relevante avaliar: Educação Presencial ou Virtual?

A fim de se entender o conceito de EAD, Nunes (2004) cita as definições de vários autores. Para Dohmem (1967), a Educação a Distância é uma forma sistematicamente organizada de auto-estudo, onde o aluno se instrui a partir do material que lhe é apresentado, sendo acompanhado e supervisionado por um grupo de professores. Segundo Peters (1973), Educar/Ensinar a Distância é partilhar conhecimento, habilidades e atitudes através da divisão do trabalho e de princípios organizacionais, pelo uso extensivo de meios de comunicação. Moore (1973) entende o Ensino a Distância como um conjunto de métodos instrucionais onde as ações dos professores estão diretamente associadas às ações dos alunos. Holmberg (1977) destaca o fato de a EAD ser uma forma de estudo não supervisionada diretamente e presencialmente por professores, já que seus alunos não se encontram no mesmo local ou ao mesmo tempo. Perry & Rumble (1987) pontuam como característica básica do Ensino a Distância o estabelecimento de comunicação de dupla via.

Numa definição mais recente, Paiva (1999) entende a EAD “como um processo educativo que envolve meios de comunicação capazes de ultrapassar os limites de tempo e espaço e tornar acessível a interação com as fontes de informação e/ou com o sistema educacional de forma a promover a autonomia do aprendiz através de estudo independente e flexível.”. A autora afirma ainda ser impossível falar em educação sem falar em educação a distância, pois os avanços tecnológicos propiciam maior interatividade, e fazem com que a EAD deixe de ser apenas uma alternativa para as pessoas que não têm acesso a educação formal e passe a ser uma modalidade de ensino flexível que apresenta uma metodologia inovadora e de qualidade. Além disso, a EAD pode viabilizar a educação continuada para um número maior de pessoas, sem comprometer a qualidade. Dentro dessa metodologia inovadora, destaca Paiva (1999), o aluno torna-se responsável por sua aprendizagem, trabalhando no seu próprio ritmo, com a possibilidade de interação com seus pares e com o professor. O professor passa, então, a ser um orientador que estimula a curiosidade, o debate e a interação entre os participantes do processo. O conhecimento é, dessa forma, construído socialmente e passa a exercer o papel principal no processo da aprendizagem.

Pode-se concluir, portanto, que são características da EAD: ambiente de ensino-aprendizagem onde professores e alunos não se encontram fisicamente e simultaneamente, interação entre participantes por meio de tecnologias (computador, telefone, televisão, etc) e construção do conhecimento através da aprendizagem colaborativa.

É inquestionável a EAD ser positiva no sentido de que dá oportunidade de aprendizagem a pessoas que anteriormente encontravam-se excluídas do meio presencial de ensino. Ela possibilita a inclusão dessas pessoas interessadas em aprimorar seus conhecimentos, aperfeiçoar suas habilidades, por não impor restrições de tempo e espaço. Além disso, ela estimula o aluno a ser um agente ativo na construção do seu conhecimento, através da busca por novas informações e compartilhamento de saberes. O aluno, por sua vez, poderá tornar-se um aprendiz autônomo e consciente do seu próprio processo de aprendizagem.

Por outro lado, o aluno “virtual” precisa ter e/ou desenvolver certas características para garantir um bom desempenho no processo de aprendizagem. Por não estarem no mesmo espaço, os participantes precisam de meios de comunicação que podem ser correspondência postal e/ou eletrônica, via telefone ou telex, televisão, computador, etc. Atualmente, o meio mais usado é o computador, portanto é fundamental ter conhecimento e afinidade com a tecnologia envolvida, bem como disciplina de estudo (também tão importante na educação presencial). A educação virtual também exige investimento financeiro, já que a interação acontecerá, principalmente, através das ferramentas de comunicação disponibilizadas pela Internet, como *e-mails*, *chats*, fóruns, entre outras. Um computador com uma boa conexão à rede é, portanto uma ferramenta indispensável dessa modalidade.

Levando-se em consideração todos os pontos abordados acima, podemos concluir que a opção pela EAD no lugar da educação presencial não pode basear-se apenas na praticidade ou comodidade com relação a tempo e espaço. Não só os alunos, mas também professores devem apresentar características e comportamentos adequados para o meio *on-line* e não apenas transferir suas práticas de um meio para o outro. Além disso, o próprio sistema deve apresentar uma estrutura de organização atrelada a outros subsistemas integrados, tais como comunicação, tutoria, produção de material didático, etc. Apesar de que na EAD a aprendizagem se dá de forma independente e individualizada, o aprendiz precisa de um esquema de apoio sólido, para que a aprendizagem possa acontecer e para que haja continuidade no processo.

Queiroz (2004) ressalta que “as vantagens do meio virtual são reais e cada vez mais estão ocupando espaço no ensino tradicional. (...) Isso não implica forçar preferências, mas aceitar as inovações e fazer uso positivo delas se necessário.” (p.40) Enfatiza que não podemos fechar os olhos à modernidade, pois ela está aí para ser usufruída. Se não nos propusermos pelo menos a conhecê-la, poderemos nos tornar obsoletos sem nem ao menos ter tido a chance de fazer essa escolha. Finalmente, a autora conclui que:

“... a EAD não deve ser vista como uma prática de ensino-aprendizagem substituta da forma presencial. Observando-se as limitações e as falhas do sistema educacional convencional, pode-se concluir que, pelas próprias características e objetivos da EAD, ela pode vir a complementar e, ao mesmo tempo, coexistir, paralelamente, apoiando o ensino tradicional. Vale ressaltar que o crescimento do ser humano se dá principalmente através da educação, seja ela presencial ou à distância, e o que puder ser feito para agilizar e facilitar a chegada desse conhecimento será bem-vindo e tem de ser prestigiado. A educação mediada pela tecnologia pode, sem dúvida, educar, aproximar distâncias, facilitar a vida do aluno e disseminar o ensino aos cantos mais remotos do planeta, sendo uma iniciativa muito válida e que deve ser experimentada.” (Queiroz, 2004, p.42)

2. Avaliação

O ato de avaliar remete-nos à idéia de julgar, apreciar ou depreciar, atribuir valores, medir, qualificar. Na educação, entretanto, avaliar não é tarefa tão simples. Como qualificar, medir, julgar a aprendizagem de sujeitos diferentes, com objetivos, necessidades e realidades distintos? Tarefa árdua atribuída ao professor, a avaliação reflete a abordagem de ensino adotada e pode ter seu foco no processo de ensino-aprendizagem ou em um produto final. Dependendo de como é aplicada, pode servir apenas como instrumento de poder para apreciar ou depreciar os participantes do processo educativo (Paiva e Sade, 2006). As autoras também apontam o sistema educacional como um problema para a avaliação, pois condiciona a aprendizagem em meses, bimestres ou trimestres. Segundo elas, as escolas, geralmente, determinam quando e como os professores devem avaliar seus alunos. Testes de múltipla escolha, questões abertas são, muitas vezes, instrumentos de avaliação obrigatórios, impossibilitando qualquer forma de avaliação que focalize o processo de aprendizagem e não o produto como projetos, amostras de interação em ambientes virtuais, etc.

3. Avaliação em Educação à Distância

Fazemos nossa primeira avaliação *da* EAD quando comparamos essa modalidade à educação presencial e avaliamos os pontos positivos e negativos de cada uma. Optando pela modalidade virtual, é pertinente entender: como se dá a avaliação *na* EAD?

Pallof e Pratt (2003) comentam que pelo fato de cursos on-line serem tão baseados em discussões, instrutores se perguntam sobre como avaliar as contribuições de seus alunos. Também há certa preocupação sobre os cursos on-line serem avaliados da mesma maneira que os cursos presenciais. Nota-se, entretanto, que esses cursos são significativamente diferentes e, portanto suas avaliações também devem ser.

Primo (2006) propõe as seguintes questões sobre a educação mediada por computador: o quê, quando e como avaliar? O autor também chama a atenção para o problema da simples “transferência” das práticas tradicionais para o meio digital. Comenta que

“as aulas ‘expositivas’ convertem-se em apostilas digitais. Apesar de uma aparente rede hipertextual, o estudante tem a seu dispor caminhos pré-definidos que devem ser seguidos e fases sequenciais a serem vencidas. Ao fim desse trajeto determinístico, testes de múltipla escolha aguardam para avaliar o aluno. Reaplica-se a distância o mesmo modelo reprodutor, agora com o suporte da máquina, cujo poder de automatização oferece recursos para a sofisticação do ensino tradicional.”

Primo (2006) destaca ainda que nem as avaliações em cursos presenciais nem aquelas mediadas pelo computador podem ser atividades simplesmente burocráticas. Para se evitar essa prática é essencial discutir como se dá o processo de aprendizagem.

Baseando-se nos trabalhos de Jean Piaget e Paulo Freire, Primo (2006) descreve as vertentes mais influentes sobre o processo de desenvolvimento da inteligência e compara as visões empiricista e construtivista do conhecimento. Enquanto a primeira acredita na transmissão do conhecimento, identificando assim um emissor, o professor, e um receptor, o aluno, a última defende que “o conhecimento é movido pelo desequilíbrio das certezas e pela invenção ativa de soluções”(p.39). Enquanto uma focaliza o ensino, a outra não faz distinção entre ensino-aprendizagem. Conclui, portanto que na visão “conteudista”, avaliar é medir a retenção de informações e a capacidade de repetir o que foi dito pelo professor. Já na visão construtivista, avaliar é acompanhar o “processo de construção ativa do conhecimento e incentivar a capacidade autoral e inventiva dos aprendizes, em trabalhos individuais ou em grupo” (p.39).

Questionando-se sobre como desenvolver processos educacionais problematizadores na educação *on-line*, Primo (2006) constata que a internet não oferece apenas formas de automatização das trocas, de mediação de interações reativas, mas também ferramentas de comunicação, como fóruns, salas de bate-papo, *blogs*, listas de discussão, entre outras, que podem ser usadas para a promoção do diálogo, do debate, da negociação de diferenças. Os participantes podem assim ultrapassar o simples apontar/clicar e reunir-se no ciberespaço para juntos construir o conhecimento.

Mas não basta promover conversações na internet entre os aprendizes para que se garanta a aprendizagem. O papel do mediador, ou seja, do professor é essencial para promover o debate sobre questões pertinentes aos temas em desenvolvimento, para intervir com questões problematizadoras e para instigar a capacidade autoral, investigadora e criativa dos educandos.

Além disso, para uma educação verdadeiramente problematizadora, a avaliação não deve ser responsabilidade exclusiva do professor, mas de todos os envolvidos no processo. É importante que os trabalhos dos educandos sejam compartilhados e avaliados no grupo. Trabalhando em conjunto, professor e aprendizes podem perceber aspectos que, talvez, não seriam notados caso trabalhassem individualmente. São válidas também nesse caso as avaliações do grupo, bem como as auto-avaliações, pois no processo de construção da teoria os aprendizes tomam consciência dos conceitos trabalhados e da sua aprendizagem.

Baseando-se em estudos de Magdalena e Costa (2003), Pallof e Pratt (1999), Fagundes et al (1999), Primo (2006) sugere que na avaliação em EAD, os aprendizes podem ser melhor avaliados através da redação de artigos e/ou resenhas críticas, em vez de testes de múltipla escolha respondidos de forma acrítica e corrigidos pela máquina. Esses trabalhos podem ser publicados na web, proporcionando aos educandos a oportunidade de tecer comentários, colocações, esclarecer dúvidas e conseqüentemente repensar, mudar e ampliar as próprias opiniões sobre o assunto. Fagundes et al (1999, apud PRIMO, 2006, p.46) destacam que:

“é preciso conhecer como o aluno está pensando, escutar quais são suas certezas naquele momento, que regras ele já inventou para resolver suas dúvidas. Uma intervenção construtivista consiste em apresentar situações de desafio para perturbar as certezas dos alunos, para provocar descentrações, para que eles sintam necessidade de descrever e de argumentar, para dar-se conta de como pensam e cheguem a coordenar seu próprio ponto de vista com o de outros.”

Já Pallof e Pratt (1999, apud PRIMO, 2006, p.47) entendem que os educandos devem ser incentivados a buscar e a avaliar materiais para o aprofundamento de conhecimentos. Contudo, eles salientam que os alunos precisam compartilhar com os colegas o que encontram na rede.

Dessa forma, a busca por informações na rede e o compartilhar de tais referências também devem ser valorizados no que diz respeito à avaliação *on-line*, já que funciona como um incentivo à investigação curiosa e à busca ativa por soluções aos problemas apresentados. E o compartilhamento dos resultados encontrados dá origem a um ambiente cooperativo e colaborativo de construção do conhecimento.

Por fim, pode-se afirmar que a avaliação, tanto presencial quanto virtual, não deve privilegiar apenas o resultado final (produto), mas observar o processo da construção do conhecimento, procurando reconhecer e “valorizar” a reflexão do aprendiz bem como suas percepções de sua própria aprendizagem. Fagundes et al (1999, apud PRIMO, 2006, p.48) afirmam que:

“o uso da Informática na avaliação do indivíduo ou do grupo por meio de projetos partilhados permite a visualização e a análise do processo e não só do resultado, ou seja, durante o desenvolvimento dos projetos, trocas ficam registradas por meio de mensagens, de imagens, de textos. É possível, tanto para o professor como para o próprio aluno, ver cada etapa da produção, passo a passo, registrando assim o processo de construção.”

Primo (2006), por sua vez, conclui que:

“Para o desenvolvimento de cursos on-line problematizadores e dialógicos, a interação mútua deve ser valorizada e o trabalho autoral e cooperativo dos alunos fomentado. A avaliação deve ser contínua, levando em conta todas as atividades desenvolvidas na rede. Todos os trabalhos escritos, os relatos nos diários de bordo (ou *blogs*), os debates em *chats*, listas de discussão, fóruns, entre outros serviços, bem como as contribuições de *links* e textos para a biblioteca do curso a distância devem ser acompanhados e avaliados pelo educador. Ou seja, os

aprendizes passam a ter seu trabalho reconhecido durante toda a duração do curso a distância. O próprio curso ganha com esse tipo de avaliação, pois quanto maior for a participação e contribuição dos educandos nas discussões e nos projetos alheios, mais eles enriquecem o processo educacional do grupo.”

4. Avaliação no Ensino de Línguas Mediado pelo Computador

Com o avanço da tecnologia, o ensino de línguas ganhou novas ferramentas. Se há algum tempo o professor dispunha de recursos como o retro projetor, o aparelho de som (o toca-fitas e o *cd player*), a televisão, o videocassete e o *dvd player*, atualmente o professor pode condensar todas as funções dos recursos anteriores em um computador conectado à Internet e a um projetor LCD. Além dos avanços nos equipamentos tecnológicos, hoje em dia é cada vez mais fácil utilizar a Internet. Os programas de navegação têm se tornado mais simples, possibilitando ao professor de línguas uma ampla variedade de recursos. Os professores, mesmo sem grande domínio técnico da informática, podem criar *sites*, *blogs*, comunidades virtuais, bem como fazer uso de programas que promovam o uso da língua-alvo. A inclusão da tecnologia no ensino de línguas deu origem ao Computer-Assisted Language Learning (CALL daqui por diante), ou seja, a uma área de estudo que investiga o aprendizado de línguas através do / ou auxiliado pelo computador.

Avaliar faz parte da rotina de todos os professores, o que não é uma tarefa fácil. Além de avaliar suas aulas, suas práticas, seus materiais, os professores também devem, apesar da dificuldade, avaliar o desempenho e o desenvolvimento de seus aprendizes. Ao utilizar a tecnologia, ainda há que se avaliar os recursos escolhidos e disponibilizados, ou seja, o computador e seus programas (sejam em forma de CD-ROMs ou em *sites* na *web*). Vale ressaltar que nunca houve uma exigência tão forte de avaliação de um recurso quanto para o uso do computador, talvez pelo alto custo exigido em sua inclusão dentro das escolas.

Criar seus próprios materiais também faz parte do dia-a-dia do professor (ou professor-designer), que ganhou com a tecnologia várias possibilidades para o desenvolvimento de novas atividades. Os professores dispõem atualmente de *software* (CD-ROMs), *sites*, cursos *on-line*, ferramentas de interação virtuais como o *chat*, fóruns, comunidades virtuais, além de novos “ambientes de escrita” (Ribeiro, 2007), como os *blogs*. Dessa forma, surge a necessidade de avaliar não só a implantação dessas ferramentas em sala de aula, mas também a eficiência de cada uma e, é claro, tais ferramentas devem ser avaliadas segundo critérios específicos já que exigem e desenvolvem habilidades diferentes.

Hubbard (2008) comenta que o software CALL envolve uma visão mais complexa de quem são os avaliadores e os usuários finais. A avaliação, por exemplo, pode estar relacionada ao designer/criador e ser usada para melhorar o material do curso antes que este seja lançado no mercado. Também pode ser feita por um revisor “externo” para um jornal profissional. Também pode ser conduzida por um professor, representante de uma escola ou instituto, selecionando materiais para suas próprias aulas ou coletando informações para uma comunidade virtual de professores. Pode até mesmo ser feita por um aluno que avalia o uso ou a compra de um material ou para indicá-lo a outros usuários.

É importante destacar que a perspectiva do professor-designer é muito relevante na avaliação das atividades CALL. Por estar diretamente envolvido no processo de criação, desenvolvimento e aplicação das atividades, o professor-designer sabe

exatamente o que está procurando, quais aspectos do design devem constituir o foco e quais decisões devem ser tomadas. Além disso, ele possui um conhecimento mais profundo do contexto de aprendizagem e das necessidades do aprendiz e esse conhecimento modela e direciona o foco, o critério e as questões a serem respondidas durante a avaliação.

Segundo Levy e Stockwell (2006), geralmente os pontos avaliados pelos professores-designers são: as atitudes e percepções do aluno em um ambiente de aprendizagem que envolve tecnologia, o funcionamento das tarefas CALL, a viabilidade e a eficiência de metodologias e estratégias específicas, visando sempre o refinamento e a melhoria na prática.

A fim de se avaliar o uso da tecnologia dentro da sala de aula, existem diversas metodologias, de acordo com Levy e Stockwell (2006). As *checklists* e os questionários são as ferramentas mais comuns de avaliação. Como exemplo, os autores citam a *checklist* de Levy e Farrugia (1988) que contém 14 seções: conteúdo, objetivos do programa, documentação, instruções, uso do aluno, resposta do programa ao aluno, design do programa, qualidade técnica, material autoral, recursos motivacionais, utilidade do professor, questões de múltipla escolha, dificuldades para aprendizes de segunda língua e apresentação. As pesquisas (*surveys*), realizadas através de entrevistas ou questionários, têm por objetivo avaliar uma nova tecnologia, funcionalidade ou aplicação, avaliar as atitudes e percepções dos alunos com relação a programas CALL, CDs, *sites*, etc além de obter *feedback* de alunos e tutores em um curso CALL e investigar a visão dos aprendizes sobre as ferramentas de feedback de um curso à distância. Essas abordagens geralmente são utilizadas por professores que criam seus próprios materiais CALL. Dessa forma, eles não estão apenas envolvidos no design das atividades, mas também nas avaliações das mesmas. Os avaliadores, nesse contexto específico, estão sempre pensando sobre sua própria abordagem, alunos e currículos. Eles têm uma grande vantagem de conhecer o *background* e as necessidades dos seus alunos, um aspecto crítico na avaliação.

No entanto, destacam Levy e Stockwell (2006), nem sempre o avaliador pode estar diretamente envolvido no processo de design e desenvolvimento. Essa abordagem é chamada de “avaliação por terceiros” e é o que acontece ao se avaliar programas em CD-ROM ou *websites*. Nesse caso, os maiores desafios para o avaliador são a escolha dos critérios adequados de avaliação e o conhecimento “total” do software, ou seja, não apenas o conhecimento sobre o software, mas como usá-lo em diferentes ambientes com diferentes alunos. Comumente essas avaliações podem ser disponibilizadas em publicações como o *CALICO Journal*. Burston (2003, apud LEVY e STOCKWELL, 2006, p.47) descreveu a abordagem e estabeleceu a estrutura e o estilo dessa publicação. Em vez de aplicar uma *checklist*, o autor estipulou os seguintes critérios para a avaliação de um software: validade pedagógica, adaptabilidade ao currículo, eficiência, eficácia e inovação pedagógica.

Segundo Hubbard (2008) a avaliação envolve três tipos de considerações. Um aspecto crucial é entender o que o programa faz antes de tentar julgá-lo, o que é difícil, pois assim que começamos a interagir com um programa nós queremos julgá-lo. Se um avaliador quer abordar o problema mais objetivamente a primeira consideração é a descrição operacional do software, que essencialmente focaliza os elementos do procedimento. Os elementos do design podem ser analisados de acordo com a adequação ao aprendiz (*learner fit*), ou seja, baseando-se nas informações da descrição operacional, pode-se avaliar se os elementos do design como a dificuldade do programa, a dificuldade da língua, o conteúdo do programa, etc, são adequados aos estudantes que usarão tal programa. Já os critérios de avaliação baseados na abordagem

estão relacionados à adequação ao professor (*teacher fit*). Em suma, a avaliação consiste em obter um entendimento claro do que o software oferece em termos de material e interação e então julgar como ele atende as necessidades e objetivos dos aprendizes bem como a abordagem de ensino da língua do professor.

Comentando tais considerações, Burston (2003, apud Levy e Stockwell, 2006, p.48), argumenta que além de ser o componente mais crítico da avaliação em CALL, a adequação ao professor é o mais difícil de ser acessado. Segundo o autor, os professores podem definir o usuário potencial do programa de software e assim determinar o quanto o programa é apropriado ou pode ser adaptado às necessidades dos seus alunos. Entende a adequação ao aluno como o nível lingüístico, a adaptação às diferenças individuais dos aprendizes, os estilos e estratégias de aprendizagem, o controle do aprendiz e a flexibilidade do design pelo professor.

Como abordagens avaliativas, Levy e Stockwell (2006) mostram ainda as “estruturas de ampla escala”, apresentando e descrevendo os modelos de Hubbard (1996), Chapelle (2001), mas ressaltam que tais estruturas não foram desenvolvidas especificamente para a avaliação em CALL. Os autores concluem, por fim, que em qualquer avaliação, o que qualificará a metodologia é a escolha do critério bem como seu “peso” e o procedimento para trabalhar tais critérios para se chegar a um resultado.

Chapelle (2001, apud LEVY e STOCKWELL, 2006, p.62) defende, por sua vez, que para melhorar a avaliação em CALL os critérios de avaliação devem ser aperfeiçoados de três formas: incorporando as mais recentes descobertas e teoria sobre a aquisição de uma segunda língua, fornecendo direcionamento sobre como esses critérios devem ser usados e assegurando que tais critérios e teoria sejam aplicados tanto ao software quanto à tarefa realizada.

Diante das diversas abordagens e instrumentos de avaliação é importante ressaltar, por fim, que o esse processo avaliativo não é apenas sensível ao contexto no sentido dos alunos e ambiente em questão, mas também pode ser sensível no que diz respeito aos objetivos e prioridades da avaliação, além das questões que precisam ser respondidas (Levy e Stockwell, 2006).

5. Considerações Finais

A educação nos dias de hoje está bem diferente do que foi a educação há alguns anos. Se, ao falarmos em educação logo pensávamos em escola, aluno, professor, livro, caderno, lápis e borracha, hoje, além dessas idéias pensamos também em computador e Internet, em “ambientes de aprendizagem” não delimitados em tempo ou espaço. Através da EAD, além de vencer as dificuldades de localização e tempo que anteriormente poderiam afastá-lo da escola, o aprendiz tem a oportunidade de viver uma nova experiência de aprendizagem, atuando como um sujeito ativo na sua formação. Para isso, esse aprendiz precisa buscar sua própria motivação, investimento pessoal, autonomia, além de gerenciar seu próprio processo de construção de conhecimento (Queiroz, 2004).

O aprendizado de línguas mediado pelo computador também apresenta novidades, tanto no que se refere ao aluno quanto no que se refere ao professor e programa utilizado. Essa nova modalidade de ensino aprendizagem exige novas posturas e comportamentos de seus participantes, ou seja, alunos mais participativos, ativos e colaborativos e professores menos centralizadores e mais motivadores da busca pela construção do conhecimento.

Da mesma forma, se a aprendizagem era “medida” através de provas (abertas ou de múltipla escolha) e trabalhos escritos, atualmente pode-se pensar em interação,

colaboração, busca por conhecimento e troca de informações. Como discutido nas seções anteriores, a aprendizagem acontece através da construção do conhecimento e não da simples transmissão do professor para o aluno. Essa construção se dá de forma individual e particular, pois cada aprendiz tem seu estilo, estratégias e tempo de aprendizagem. Conseqüentemente a avaliação desses aprendizes não deve acompanhar o modelo tradicional de provas para verificação do conhecimento “adquirido”.

Duarte (2006) afirma que

“o aprendizado do aluno deve ser verificado em relação aos resultados que lhe apresenta e a sua capacidade de criar e aprimorar-se sempre, de acordo com os parâmetros estabelecidos. A verificação desse aprendizado refletirá a capacidade do aluno de utilizar de forma eficiente seu talento e os recursos de que dispõe para atingir as metas propostas. Porém para que tudo isto aconteça é necessário que o aluno seja motivado constantemente, ou seja, em todas as fases avaliativas do processo ensino-aprendizagem. Ele deve se sentir partícipe do processo com uma grande responsabilidade.

Sob esta ótica temos o professor como verificador do desempenho, acompanhando o processo de aprendizagem e não apenas avaliando periodicamente o conhecimento obtido. Esta postura leva-o a buscar o desenvolvimento da capacidade do aluno para enfrentar desafios, aperfeiçoar talentos, superar dificuldades, participando e se comprometendo com o aprendizado, não somente das técnicas e habilidades, mas da forma de utilizá-las”.

Tanto a educação quanto a avaliação são temas bastante complexos e que exigem muita reflexão. Diante dessa nova modalidade que é a Educação a Distância, esses tópicos exigem ainda mais estudo. Se avaliar o material e o “desempenho” dos aprendizes já era tarefa difícil, na EAD faz-se necessário avaliar o ambiente de aprendizagem virtual (AVA), as ferramentas ali contidas e até mesmo a interação que nele ocorre, envolvendo tecnologia, projetos, professores e alunos. Conclui-se, portanto que é cada vez mais necessária a discussão sobre a avaliação, principalmente na Educação a Distância. Assim como Cerny e Ern (2001), acredito que a avaliação da aprendizagem é um elemento fundamental do processo educativo, no entanto as novas formas de ensinar não trazem consigo ainda as novas formas de avaliar. As autoras enfatizam que resgatar a avaliação como uma possibilidade de troca, de diálogo na educação a distância constitui-se um caminho frutífero a ser desenvolvido e aprimorado.

6. Referências Bibliográficas

CERNY, R. Z.; ERN, E. (2001) *Uma Reflexão Sobre a Avaliação Formativa na Educação a Distância* (UFSC).

Disponível em:

http://www.universidadenova.ufba.br/twiki/pub/GEC/TrabalhoAno2001/uma_reflexao_sobre_a_avaliacao_formativa_na_ead.pdf. Acesso em 06 Julho 2008.

Duarte, E. V. G. (2006). *Avaliação como motivação para a aprendizagem*. Disponível em:

<http://wiki.sintectus.com/pub/EaD/WebHome/LivroAvaliacaoEmEad24Nov2006.pdf>.

Acesso em 06 Julho 2008.

HUBBARD, P. (2008) *An Invitation to CALL: Foundations of Computer-Assisted Language Learning*. Linguistics Department, Stanford University. Last modified: January 31, 2008. Disponível em: <http://www.stanford.edu/~efs/callcourse/CALL2.htm> . Acesso em 23 Maio 2008.

LEVY, M.;STOCKWELL, G. *CALL dimensions: options in computer-assisted language learning*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2006. p.40-83.

NUNES, I. B. *Noções de educação a distância*. Revista Educação a Distância, Brasília, Instituto nacional de Educação a Distância, n.4/5, p.7-25, dez. 1993 – abr. 1994. Disponível em: <http://www.rau-tu.unicamp.br/nou-rau/ead/document/?view=3>. Acesso em 29 Junho 2008.

PAIVA, V.L.M.O. *O papel da educação a distância na política de ensino de línguas*. In: MENDES et ali (Orgs) *Revisitações: edição comemorativa: 30 anos da Faculdade de Letras/UFMG*. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 1999. p.41-57. Disponível em <http://www.veramenezes.com/ead.htm> . Acesso em 25/06/2008

PAIVA, V. L. M. O. ; SADE, L. A. *Avaliação, cognição e poder*. Revista Brasileira de Lingüística Aplicada, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. 6, n. 2, 2006. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/rbla/2006_2/02-Vera%20Menezes%20-%20Liliane%20Sade.pdf. Acesso em 02 Julho 2008.

PALLOFF, R.M.; PRATT, K. *The virtual student: a profile and guide to working with online learners*. San Francisco: Jossey-Bass, 2003 Chapter 8. Assessment and evaluation. p. 89-102.

PRIMO, Alex . *Avaliação em processos de educação problematizadora online*. In: Marco Silva; Edméa Santos. (Org.).*Avaliação da aprendizagem em educação online*. São Paulo: Loyola, 2006, v. , p. 38-49. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/EAD5.pdf>. Acesso em: 27 Maio 2008.

QUEIROZ, E. S. C. *Educação a distância: uma investigação sobre possíveis contribuições para a educação continuada de professores de língua estrangeira (Inglês)*. Revista Brasileira de Lingüística Aplicada, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. 4, n. 2, 2004.

RIBEIRO, A.E. *Kd o prof? Tb foi Navegar*. In: ARAUJO, J.C. *Internet e Ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.